



PUC Minas

Conjuntura Internacional

ano 7 • nº 16 • 06 a 19/11/2010 • ISSN1809-6182

CENÁRIOS PUC MINAS

Análise

06/11/2010 - Wikileaks e os arquivos não mais secretos estadunidenses.....p.01

O crescimento da importância política da internet é reforçado pela ocorrência de vazamento de informações secretas pelo meio online. A organização Wikileaks ganhou destaque internacional após a divulgação de dados sobre a Guerra do Afeganistão, do Iraque e de líderes de todo o mundo.

06/11/2010 - Angela Merkel: O Multiculturalismo falhou completamente na Alemanhap.04

Durante convenção da juventude de seu partido, Chanceler alemã critica aqueles que vivem na Alemanha sem sequer saber falar o idioma alemão. Declaração inflama debates no país sobre a questão dos imigrantes.

Wikileaks e os arquivos não mais secretos estadunidenses

Análise

América

Rúbia Rodrigues

6 de Novembro de 2010

O crescimento da importância política da internet é reforçado pela ocorrência de vazamento de informações secretas pelo meio online. A organização Wikileaks ganhou destaque internacional após a divulgação de dados sobre a Guerra do Afeganistão, do Iraque e de líderes de todo o mundo.

Os cidadãos do mundo, poucos tinham idéia da existência da organização Wikileaks até julho deste ano, quando cerca de 92 mil documentos secretos sobre a Guerra do Afeganistão foram divulgados em domínio público. Em outubro, a organização causou mais um grande recorde: a publicação do Iraq War Logs, uma coleção com cerca de 391.832 relatórios do Exército dos Estados Unidos, figura o maior vazamento da história militar dos Estados Unidos, isto é, da história da reconhecida maior potência militar do mundo. O último vazamento, em novembro, consistia na divulgação de relatórios sobre líderes e problemas de diversos países sob a ótica da diplomacia estadunidense.

A Wikileaks é uma organização midiática sem fins lucrativos com sede na Suécia com o objetivo de tornar públicas informações e notícias que se julgam importantes. Até o presente momento a importância que se induz de suas ações dizem respeito a informações confidenciais de governos, empresas ou assuntos sensíveis¹ (*sic*) à população mundial.

As causas que fizeram a organização ganhar repercussão internacional possuem até o momento três focos: a Guerra do Afeganistão (em julho), a Guerra do Iraque (em outubro) e o perfil

de líderes mundiais (em novembro).

Esses documentos reverberam grandes e inúmeras polêmicas à matéria do que é divulgado – poder estadunidense, direitos humanos, violência, subversão às regras, aos costumes internacionais, às normas de guerra e o serviço de espionagem – e quanto à própria natureza de suas ações – ética jornalística, segredo de Estado, interferência ao serviço de inteligência governamental, ameaça à soberania do Estado e, ainda, a colocação em perigo dos informantes dos dados.

O primeiro destaque concedido pela divulgação de informações sobre a Guerra do Afeganistão (dados de 2004 a 2009) tornava público elementos como o destaque militar especial para capturar ou matar insurgentes sem direito a julgamento, a recusa oficial do relato fiel do número de mortes civis e as ações estadunidenses que infringem as delicadas normas de combate com a evidência dos chamados crimes de guerra².

A posição oficial do governo estadunidense foi iniciada pela condenação da divulgação dos documentos por James Jones, Conselheiro de Segurança Nacional do governo Obama. Para ele, a revelação de

¹ Mais informações: www.wikileaks.org

² Os crimes de guerra podem ser pautados pelo Direito Internacional nas Convenções de Genebra e dizem respeito principalmente à violação dos direitos humanos.

informações secretas ocasiona no risco à vida dos americanos, de parceiros dos Estados Unidos e, ainda, ameaçam a segurança nacional. Por sua vez, a posição de Robert Gates, secretário de Defesa dos Estados Unidos, foi construída com duas áreas de culpabilidade da organização. A primeira delas diz respeito à culpabilidade legal de que os atos feitos pela organização não seguem os padrões legalmente aceitos e, em segundo lugar, à culpabilidade moral quando não foram pensadas as consequências da divulgação dos dados.

O segundo destaque é dado pela divulgação de dados da Guerra do Iraque que se figura pelo maior vazamento de informações da história (cerca de 400 mil documentos). Segundo os documentos, morreram mais de 100 mil iraquianos, dos quais 70% civis, desde a invasão estadunidense de 2003. Há o destaque dos inúmeros e alarmantes casos de tortura executados pelo exército dos Estados Unidos e de denúncias de abusos para indivíduos sem julgamento.

Desta vez, o porta-voz do Pentágono, Geoff Morrell, assegurou que a matéria dos documentos não é indicativa de crimes de guerra, ainda que, deixe expostos atos cometidos pelos Estados Unidos. O Secretário-Geral da OTAN também interveio na situação conclamando a seriedade da proposição pública de informações secretas que podem ameaçar a vida de soldados e de civis.

Ainda neste caso, o relator especial da ONU sobre tortura, Manfred Nowak e a Anistia Internacional³ posicionaram-se acerca da necessidade de investigação por parte dos Estados Unidos dos casos de tortura. É importante lembrar que a investigação não poderia ultrapassar as fronteiras dos Estados Unidos como, por

exemplo, o Tribunal Penal Internacional (TPI), já que o país não faz parte do seu sistema.

Os documentos deixam uma credibilidade duvidosa ao demonstrar que há um apoio das milícias iraquianas xiitas pela Guarda Revolucionária do Irã, a elite do exército iraniano com a distribuição de: foguetes, bombas magnéticas, bombas de beira de estrada, rifles calibre 50 e mísseis portáteis.

O governo britânico também condena a difusão das informações já que podem tornar a missão das forças armadas mais difícil e ocasionar em riscos para a vida das tropas americanas e dos aliados.

No terceiro episódio, em novembro, foram divulgados 250 mil documentos diplomáticos em que constavam informações sobre líderes mundiais como a saúde mental de Cristina Kirchner da Argentina e as informações pessoais de Ban Ki-moon, Secretário-Geral das Nações Unidas e diversos telegramas entre embaixadas estadunidenses.

Para Cristina Pecequillo⁴, as informações divulgadas sinalizam a preocupação do país com sua segurança e seu interesse nacional. A divulgação de informações, para ela, pode ser uma maneira de pressionar a diplomacia estadunidense pela via da opinião pública e pela tentativa de barrar algumas atividades, mas não seria capaz de causar grandes consequências na política externa americana.

Considerações Finais

O Símbolo da Organização Wikileaks⁵ demonstra exatamente o que ela significa. Na ampulheta o mundo que se desmancha demonstra a efemeridade das informações e a capacidade de se dissolver as informações secretas do mundo,

³ A Anistia Internacional é uma organização da sociedade civil internacional que trabalha principalmente para assegurar o respeito aos direitos humanos.

⁴ Especialista em Política Externa dos Estados Unidos e Professora de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

⁵ Mais informações: <http://wikileaks.org/>

tornando-as públicas. Na medida em que as informações são divulgadas cria-se um novo mundo, ou pelo menos uma nova percepção de mundo, onde se abre o papel e as ações dos Estados à sua população.

Dos problemas que decorrem do ocorrido fenômeno há uma busca desenfreada pelos supostos integrantes do serviço de inteligência que deixaram vaziar as informações pelos Estados Unidos para tentar amenizar as consequências e controlar melhor a informação.

A questão supracitada e ocasionada pela Wikileaks torna-se uma singela, mas ainda assim preocupante ameaça para os Estados Unidos, em particular, ou a qualquer ente que sofra a ingerência de assuntos secretos internos. Representa-se como uma nova forma de intimidação ao Estado quando informações vazadas podem ocasionar na mudança estratégica de ações já planejadas.

Da mesma forma, surge a discussão da ética por meio dos críticos à divulgação da informação. Questiona-se, portanto, até que ponto a liberdade de expressão asseguraria à liberdade do indivíduo e do Estado e a sua segurança nacional.

Questiona-se também a combinação de tecnologias seguras com princípios jornalísticos éticos, mas é necessário entender os parâmetros das normas jornalísticas da mesma forma em que analisar democraticamente a análise da opinião pública sobre as ações do Estado.

Referência

BBC

<http://www.bbc.co.uk/>

Folha Online

<http://www1.folha.uol.com.br/>

Reuters Brasil

<http://br.reuters.com/>

Estadão

<http://www.estadao.com.br/>

Estado de Minas - 29-11-2010

Seleção Diária de Notícias MRE

<http://www.mre.gov.br/portugues/impressao/noticias3.asp>

The Economist

<http://www.economist.com/blogs/democracynamerica/2010/11/wikileaks>

Ver Também:

Palavras-Chave: Estados Unidos, Política Externa, Iraque, Afeganistão, Serviço de Inteligência, Mídia, Internet

Angela Merkel: o multiculturalismo falhou completamente na Alemanha

Análise
Europa
Vinícius Tavares de Oliveira
6 de Novembro de 2010

Durante convenção da juventude de seu partido, Chanceler alemã critica aqueles que vivem na Alemanha sem sequer saber falar o idioma alemão. Declaração inflama debates no país sobre a questão dos imigrantes.

Após declarar que a Alemanha sente-se ligada “a valores cristãos e que os que não aceitem isto não tem lugar aqui”, a Chanceler Alemã, Angela Merkel, reacendeu debates sérios e profundos no país. Ao declarar que o multiculturalismo falhou completamente na Alemanha, Merkel deu sinais claros de que a imigração é um problema a ser tratado de forma urgente.

A declaração vem semanas depois de um polêmico livro lançado por um Ex-oficial do Banco Central Alemão, Thilo Sarrazin, em que o autor afirma que os imigrantes deixaram a sociedade alemã “mais burra”.

Pesquisas recentes, realizadas pela Fundação Friedrich Ebert, mostraram que mais de 30% da população alemã acredita que o país já tem mais estrangeiros do que deveria. Outros 50% acreditam que os muçulmanos representam um fardo para a economia do país. Além disso, 5% acreditam que a questão da imigração deveria ser administrada com “mãos firmes” de um “Führer”.

Uma breve história da imigração na Alemanha

A história da imigração na Alemanha tem início no final década de 1950, quando as empresas alemãs, carentes de mão-de-obra, pressionaram o governo do país a buscar, no exterior, trabalhadores. A partir daí, foram feitas parcerias com diversos países, como a Grécia, Espanha, Turquia, Marrocos, Tunísia e etc.

A ideia era que esses trabalhadores, após a reconstrução total do país, retornassem a seus países de origem. Dentre estes imigrantes, a maioria era composta de turcos. Muito embora alguns trabalhadores, especialmente os de origens europeias, tivessem retornado a seus países, outros decidiram se estabelecer no país e trouxeram consigo suas famílias.

Além dos trabalhadores, milhares de turcos requeriam, ano após ano, asilo ao governo alemão graças ao Golpe de Estado que ocorrera na Turquia nos anos 1980. Em 1992, mais de 440 mil pessoas entraram com um pedido formal de asilo. Isso fez com que, no ano seguinte, a Alemanha criasse uma limitação do direito constitucional de asilo. Desde então, o número de pedidos de asilo caiu de forma drástica. Em 2007, apenas 19 mil pessoas entraram com o pedido. Contudo, esta situação fez com que os que não conquistassem o direito de asilo de forma legal o buscassem de forma ilegal,

aumentando o número de imigrantes ilegais no país.

Desde então, a Alemanha vem tentando articular e integrar estes imigrantes de forma que a xenofobia não impere nas relações entre alemães naturais e alemães de imigração.

Conformados de que os imigrantes não iriam deixar o país, os alemães não desejavam que estes imigrantes se tornassem culturalmente parte da Alemanha. Cientes de que esta questão deveria ser solucionada, o país encontra, então, o multiculturalismo. A ideia era que os imigrantes mantivessem sua própria cultura, mas fossem leais ao Estado alemão.

Nesse sentido, a Alemanha não iria exigir que os imigrantes assimilassem sua cultura, mas sim que as duas culturas pudessem coexistir. Contudo, esta ideia de multiculturalismo não poderia ser considerada como respeitosa das diversidades e peculiaridades culturais, linguísticas e religiosas, mas sim que os próprios alemães tinham dificuldade, ou não tinham vontade, de assimilar novas culturas.

Nacionalidade comprada e nacionalidade internalizada

Outro ponto que nos auxilia a entender a problemática acerca da imigração alemã é a própria noção de nacionalidade.

Nos Estados Unidos, criou-se a ideia de que o país era eminentemente criado e composto de imigrantes. Contudo, o país possuía sua própria cultura e, aqueles que desejassem viver lá, deveriam assimilar essa cultura. Assim, qualquer pessoa poderia se tornar um “americano”, contando que assimilasse a língua e a cultura dominante em sua região.

Nesse sentido, a ideia de nacionalidade

era um conceito jurídico legal. “A nacionalidade poderia ser comprada. E tinha um preço” (Friedman, 2010).

Já na Europa de maneira geral, a ideia de pertencer a uma nação advém, além da assimilação cultural, do fato de pertencer àquela nação. Seus antepassados deveriam pertencer a ela. Nesse sentido, a nacionalidade não poderia ser comprada, ou mudada.

Assim, a ideia do multiculturalismo não era, como dito acima, o respeito pela diversidade cultural, mas sim uma forma lidar com a realidade: imigrantes existem, nós não os queremos, mas precisamos deles.

As leis de imigração e a intensificação das diferenças

Em 2005 foi criada a Lei de Imigração, que previa que a população proveniente de outros países estaria condicionada a se adequar à cultura alemã. Em 2007 esta lei foi reformada e, em alguma medida, intensificada. Agora, seria feita uma distinção entre “tolerados” e “não tolerados”, sendo o primeiro classificado como aqueles que conhecem o idioma alemão e não possuem ficha criminal. Para estes, o visto seria concedido, para os segundos, seria exigido um emprego e a total adaptação à sociedade alemã. Do contrário, estes teriam um visto que iria expirar em 2009.

A lei não foi bem recebida por parte de organizações de imigrantes¹. Kenan Kolat, presidente da Associação Turca da Alemanha, constatou, quando da reforma da lei em 2007: “este é um dia negro para a Alemanha”.

¹ São as organizações: “Federação Turca de Berlim e Brandemburgo”, “Associação Turca e a União Turco-Islâmica da Alemanha” e “Associação Turca da Alemanha”.

O problema que se coloca para o futuro

A questão da imigração ainda é um ponto sério e delicado quando o assunto é a União Europeia, em especial a Alemanha. O país já demonstrou, vez ou outra, que não está satisfeito com a forma pela qual os imigrantes se integram na sociedade, além de tentarem, através de leis, moldar o comportamento destes imigrantes.

Um fato que agrava a questão da imigração é a própria rejeição, por parte dos europeus, a esses imigrantes. Como as pesquisas supracitadas demonstram os alemães não estão satisfeitos com seus imigrantes. Mais do que isso, eles pedem que sejam delineadas políticas severas em combate à “tentativa de matar a cultura alemã”.

As declarações xenófobas proferidas por membros do governo alemão podem provocar uma espécie de revolta por parte dos imigrantes que pode culminar em graves problemas. Além disso, as leis que estão em vigor atualmente são altamente restritivas à livre expressão religiosa e cultural.

A grande questão que se coloca é: estamos falando da Alemanha, país que foi palco de uma das maiores demonstrações de desrespeito a culturas diferentes. Aqui, falamos do Holocausto. Por muito tempo, o país não tocou na questão da imigração de forma veemente, temendo que os horrores do passado voltassem à tona. Mais de 60 anos após o evento, a Alemanha é, agora, palco de novos debates acerca de diferenças culturais e isso, para os próprios alemães, desperta um certo sentimento de medo, dado que as lembranças do Holocausto ainda estão vivas nas memórias de todos.

Muito embora estes mesmos estadistas afirmem, em seus discursos, que a integração é um ideal, o que se percebe é que a questão da imigração ainda não foi solucionada. Mais do que isso, uma solução viável e democrática fica cada vez

mais fora do alcance a cada declaração.

Referência

Al Jazeera

<http://english.aljazeera.net/news/europe/2010/10/20101017141335420533.html>

BBC Internacional

<http://www.bbc.co.uk/news/world-europe-11559451>

<http://www.bbc.co.uk/news/world-europe-11532699>

CNN

<http://edition.cnn.com/2010/WORLD/europe/10/17/germany.merkel.multiculturalism/index.html>

DW

<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,2673021,00.html>

Estado de São Paulo

<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,debate-sobre-integracao-cultural-esquenta-na-alemanha,625965,0.htm>

FRIEDMAN, George. Germany and the failure of multiculturalism. Disponível em:

http://www.stratfor.com/weekly/20101018_germany_and_failure_multiculturalism?utm_source=GWeekly&utm_medium=email&utm_campaign=101019&utm_content=readmore&elq=75789402e77e4878b06a4a60ce0849a8. Acessado em: 30/10/2010.

Palavras chave: Europa, Alemanha, Imigração, União Européia.

Conjuntura**Internacional**

Pontifícia Universidade Católica – MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Vice-reitora: Prof^a. Patrícia Bernardes

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôres

Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais: Prof. Danny Zahreddine

Coordenação do Curso de Relações Internacionais: Prof. Danny Zahreddine

Coordenação-Geral: Prof. Leonardo César Souza Ramos

Conselho acadêmico: Prof. Danny Zahreddine

Prof. Rodrigo Corrêa Teixeira

Prof^a. Liana Araújo Lopes

Membros: Carlos Roberto de Souza Junior; Daniel Monteiro Ramalho Poltronieri Martins; Guilherme Antunes de Castro; Marina Scotelaro de Castro; Patrícia Eler Seide; Pedro Casas Vilela Magalhães Arantes; Rafael Bittencourt Rodrigues Lopes; Vinícius Tavares de Oliveira.

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av. Dom José Gaspar 500, Instituto de Ciências Sociais,
prédio 47, sala 105 - Coração Eucarístico - Belo Horizonte -
MG - CEP 30535-901 Tel: (31) 3319-4495 email:

ci@pucminas.br website: <http://www.pucminas.br/conjuntura>